



FACULDADE KURIOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA
PROF. ANTÔNIO MARTINS DE ALMEIDA FILHO

O PSICOPEDAGOGO E A
EDUCAÇÃO ESPECIAL

ITAPIÚNA – CEARÁ
MARÇO – 2011



FACULDADE KURIOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA
PROF. ANTÔNIO MARTINS DE ALMEIDA FILHO

O PSICOPEDAGOGO E A
EDUCAÇÃO ESPECIAL

ITAPIÚNA – CEARÁ
MARÇO - 2011



FACULDADE KURIOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA
PROF. ANTÔNIO MARTINS DE ALMEIDA FILHO

Disciplina: O Psicopedagogo e a Educação Especial
Carga Horária: 30 Horas

Ementa: Refletir sobre a possibilidade real de contribuição que a Psicopedagogia, pode trazer à equipe multidisciplinar, no planejamento e intervenção educativa, dentro da Escola Inclusiva desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Referências Bibliográficas

ALTHUON, B; ESSLE, C e STOEBER, I. Reunião de Pais: sofrimento ou prazer? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BEAUCLAIR, J. Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades. Coleção Olhar Psicopedagógico. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2004. (Coleção Olhar Psicopedagógico)

BOLLMAN, C. M. S. et al. Interação Pais e Escola. Rev. PEC, Curitiba, v.1., n.1, p.65-68, jul.2000-jul.2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1996.

CAETANO, L. M. Relação Escola e Família: Uma proposta de parceria. Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo-USP, 2002.

Fagali, Eloisa Quadros_psicopedagogia intitucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula\Eloisa Quadros Fagali e Zélia Del Rio do Vale. Ilustrações de Francisco Forlenza' 9 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2008.

FERNANDEZ, Alicia, Rodrigues, Iara (trad). A inteligência aprisionada. 2ª ed, Porto Alegre: Artes Medicas, 1990.

Fernández, Alicia. A inteligência aprisionada, tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Fermino Fernandes Sisto... (ET AL). Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar Petrópolis, RJ; Vozes, 19906.

Freire, Pulo. A psicopedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 16 edição, 1996.

JARDIM, A. P. Relação entre escola e família: proposta de ação no processo de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2006.

Libâneo, José Carlos: Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente. São Paulo, Cortes, 1990.

Monereo Carles. O assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista\ Carlos Monereo e Isabel Solé, trad. Beatriz Afonso Neves_ Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PARO, V. Qualidade de ensino: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

VISCA, J. Psicopedagogia: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

WINNICOTT, D. W. Conversando com os pais. São Paulo: Martins Fontes 2005.

Weiss, Maria Lucia Lemme. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar\5 ed. Rio de Janeiro DP E A, 1999.

Brincar com crianças não é perda de tempo é ganhá-lo: se é triste ver meninos(as) sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. O pior dano que se pode fazer a uma criança é levá-la a perder a confiança em sua própria capacidade de pensar.

Karl Marx

APOSTILA – O PSICOPEDAGOGO E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

UNIDADE I

TEXTO 1.0 – PSICOPEDAGOGIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SABERES E SENTIDOS NAS ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO

Historicamente o percurso da Psicopedagogia brasileira mostra que desde os seus primórdios, sua maior preocupação esteve voltada à inclusão. Esta afirmativa é possível pelo fato de percebermos que, ao eleger cuidar de crianças, adolescentes, jovens e adultos com dificuldades de aprendizagem, nossa Psicopedagogia atuou e ainda atua com enfoque inclusivo.

Enfoque inclusivo pelo fato de que, ao buscarmos referenciais à prática psicopedagógica, nunca se perdeu de vista a construção de processos de análise das dinâmicas familiares, escolares e institucionais e suas respectivas na formação do sujeito aprendente.

É possível citar, por exemplo, o fato de que com o passar do tempo, novas perspectivas foram geradas pelo próprio movimento de revisão pelo qual acredito que a Psicopedagogia Brasileira está passando, no que concerne ao surgimento de novos pesquisadores e autores em seu campo e, também, no que diz respeito às próprias dinâmicas da profissionalidade psicopedagógica, sempre em permanente movimento.

Sabemos que a Psicopedagogia atua com as questões da aprendizagem, e por si só este é um fato importante para a interlocução aqui proposta. A cada novo dia, as mudanças de nosso tempo repercutem e alteram nosso cotidiano, pois os avanços que se apresentam nas Ciências, nas Tecnologias e nas Comunicações nos fazem perceber que precisamos, sempre, estar em processo de mudança, de revisão de conceitos e paradigmas que possuímos, enfim, de novas aprendizagens.

Neste sentido, no campo da Psicopedagogia e da Educação Inclusiva, novas demandas surgem, pois se torna essencial pensar, refletir, aprender e desaprender sobre o próprio conceito de mudança. Temas como formação humanística, identidade, alteridade e diversidade devem estar presentes nas formações de profissionais tanto do campo educacional inclusivo como no campo psicopedagógico.

Tais temas, acredito, podem favorecer a constituição de novos modos de perceber as próprias funções da aprendizagem na vida humana e sua importância na compreensão da diferença. Para se colocar diante dos preconceitos, visando superá-los e para a construção de uma efetiva Educação Inclusiva, necessária à configuração de uma sociedade também inclusiva, é preciso interlocução, intervenção e diálogo.

Com esta perspectiva, tecer possibilidades e oportunidades de reflexão, através da MOP - Metodologia de Oficinas Psicopedagógicas, é uma aposta/proposta que faço, enquanto formador, no intuito de vivenciar estratégias formativas em Educação Inclusiva, partindo das contribuições da Psicopedagogia, pelo fato de acreditar firmemente que será tão somente com formação permanente, supervisão e incessante busca por novas metodologias e técnicas de atuar em educação, que será possível contribuir para a interlocução, a intervenção, a invenção e o diálogo.

Organizar conjuntos de idéias visando uma integração conceitual e prática fomentadora das discussões em torno do tema em tela é pensar nas possíveis contribuições da Psicopedagogia à necessária revisão de paradigmas, que se configura como apreensões a partir das experiências vivenciadas por todos que buscam seguir adiante em suas formações acadêmicas e pessoais.

As estratégias formativas em Educação Inclusiva se presentificam como resultado dessas experiências e com a busca de aprofundamentos em estudos independentes: só é possível criar visões e possibilitar revisões no ato de incluir ampliando idéias e objetivando a promoção de saberes e práticas na/da diferença.

É necessário vivenciar a inclusão no cotidiano das instituições, pensando em novas premissas, em novas potencialidades e buscando modos novos de pensar e agir, onde seja possível sonhar, desejar, criar e realizar, efetivamente, uma prática psicopedagógica e inclusiva, colocando, assim, em movimento, os tantos e excelentes referenciais que temos, à nossa disposição, nas legislações e propostas vigentes de Educação e Inclusão.

O profissional psicopedagogo atuante quer pautado em pressupostos clínicos quer pautado em pressupostos institucionais, atende ao fato de envidar esforços a fim de possibilitar ao indivíduo seu desenvolvimento potencial atribuindo-lhe autoria do seu processo educacional, constituindo-se cidadão e, conseqüentemente, sua inclusão social. Esforços para desenvolver (através da resolução de desafios) novas habilidades, percepções, entendimentos... Sua atuação na área da Educação Especial, com indivíduos com deficiência, torna-se mais desafiadora ao registrar potencialidades e limites do indivíduo e da equipe, no mesmo contexto. Sendo assim, o enfoque situacional ao abranger indivíduos com deficiência requer planos de trabalho em parceria máxima com as instituições escolares.

UNIDADE II

TEXTO 2.0 – AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO

A escola necessita acompanhar as transformações que acontecem no mundo. As informações são constantes na vida social e escolar, novos conhecimentos, novas formas de pensar e ver o mundo estão sendo colocadas em prática e abandonadas diariamente. O que se sabia antigamente, que se considerava como verdade absoluta, agora, ganha uma perspectiva diferente, pode ser que não seja como acreditávamos que fosse, sendo necessário rever e (re) analisarmos nossos pensamentos, convicções, conceitos e crenças nos mais variados segmentos.

Assim, é com a escola, as formas de ensinar, a visão que a mesma tem da educação e da sociedade de uma forma geral. Do tipo de cidadão que ela quer formar, se é para transformar a sua realidade, ou para somente reproduzir a que já existe. Se a visão da escola e dos educadores for transformadora e inclusiva, todos perceberam os alunos como seres diferentes e com problemas e dificuldades que com a ajuda e apoio especializado poderão solucionar ou amenizar os obstáculos que encontram nos seus caminhos educativos.

Nesse caminho de inclusão e respeito, aqueles que apresentam alguma dificuldade para aprender vêm à psicopedagogia, que oferece subsídios e recursos para que se tenha um estudo e uma leitura minuciosa dos processos cognitivos e dos mecanismos psicológicos que estão apresentando algum problema ou sintoma na situação de aprendizagem.

Estar descoberto de preconceitos, tendo um olhar voltado para o aluno global, nos seus aspectos cognitivos e afetivos, desenvolvendo a construção e a sistematização de metodologias que visam à construção de conhecimento vinculado à realidade do educando sem deixar de oferecer as novas tecnologias e possibilitando a sua formação ampla, que não exclui, nem segrega aqueles que possuem dificuldade de aprendizagem.

O fundamental nessa proposta é o trabalho interdisciplinar que vem oferecer auxílio para a educação, respeitando as características individuais de cada aluno, de cada um dos envolvidos no processo educativo. Tendo um olhar imparcial, humano, que humaniza, que agrega, que acolhe, que trata, que desvenda o que muitos querem ou desejam esconder ou que até mesmo desconhecem por falta de interesse, comprometimento, vontade ou informação.

Na vida cotidiana, constantemente se é bombardeado por uma imensa quantidade de informações, novas tecnologias, descobertas nas diversas áreas, inovações que contribuem e afetam a vida de milhares de pessoas. Muitas vezes não se tem tempo de analisar e refletir sobre todos esses acontecimentos. Mas, na

educação se faz necessário essa reflexão, pois, todas essas novidades, teorias e concepções influenciam a vida escolar.

Na educação, analisar e refletir são de suma importância, pois se está trabalhando com seres humanos, que sentem, desejam, aprendem, vêm de lugares e possuem histórias de vida e bagagem cultural, socioeconômica diferente uns dos outros. Refletir é colocar o pensamento diante de si mesmo, tal qual uma pessoa diante do seu espelho. O ato de reflexão leva aos detalhes do próprio pensamento aos porquês que permitem reconhecê-lo como seu efetivamente e, finalmente, dizer se combina com o seu pensar ou se é simplesmente repetidor de discursos e teorias sobre as quais não se tem domínio e certeza.

Não ser repetidor de teorias e sim construtor do seu próprio conhecimento e ser mediador na construção de um novo conhecimento por parte dos alunos, é o que faz com que os educadores estejam preparados para a prática pedagógica. Nessas mudanças constantes que o mundo vem passando, a escola e os alunos não ficaram para trás. Para Libâneo. 1998; p. 07 a escola é:

aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura promovida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como a cultura paralela (meios de comunicação) e pela cultura cotidiana.

Logo, a escola necessita estar conectada com as ciências e a tecnologia, com tudo isso que vem acontecendo diariamente. Mas, sabe-se que não é isso que acontece em muitas escolas. Algumas ainda são repetidoras de ideologias, não respeitam a individualidade e o ritmo dos alunos, ainda não perceberam que as turmas não são homogêneas e que os educadores não são os donos do saber e sim mediadores da aprendizagem, da construção de conhecimento. De acordo com Freire, 1996, P23:

... nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser, é, aprendido pelos educandos.

Assim, a forma de trabalho do educador influencia na aprendizagem, em que o mesmo deve oportunizar aulas significativas, interessantes, incorporando as tecnologias existentes como ferramentas e instrumentos para favorecer o ensino aprendizagem. Utilizar-se das novidades e informações trazidas pelos alunos para modificar e contribuir com o tema e os conteúdos, proporcionam aulas mais dinâmicas e interligadas com a realidade, despertando o interesse em aprender e coletar novidades, para o cotidiano escolar. Propostas elaboradas dessa forma só favorecem as práticas dos educadores. Dessa forma, o professor estará colaborando

para que seus alunos possam resolver e até mesmo solucionar problemas do presente e do futuro.

Sabe-se que nem sempre é dessa forma que acontece o ensino nas instituições escolares, que se tornam para muitos alunos um local em que seus medos, angústias, problemas e dificuldades de aprendizagem se manifestam. Surge nesse cenário a Psicopedagogia que tem:

“Por objetivo compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problemas de aprendizagem. A aprendizagem é entendida aqui como decorrente de uma construção, de um processo o qual implica em questionamentos, hipóteses, reformulações, enfim, implica um dinamismo. A psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos neste processo.” (Rubenstein apud Fermino, 1996 p. 127).

Portanto, a psicopedagogia vem colaborar com todos aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, que reprovam, que não conseguem acompanhar os seus colegas e que muitas vezes são “deixados” para trás no processo de aprendizagem. A insatisfação e a inquietação dos profissionais que trabalham com as dificuldades de aprendizagem fizeram com que surgisse a psicopedagogia, permitindo que diversas áreas do conhecimento como Psicologia Cognitiva, Psicanálise, Sociologia, Linguística, Antropologia, Filosofia, entre outros viessem a colaborar com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Rubinstein, apud Fermino, 1996, p.128 coloca que:

o psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para, valendo-se desta investigação, entender a construção da dificuldade de aprendizagem.

É nessa investigação que o psicopedagogo necessita estar livre de qualquer influência prévia e (pré)-conceito, estar livre de qualquer sentimento, olhar e principalmente saber selecionar tudo o que ouve e enxerga para poder intervir, colaborar, elaborar planos de trabalho com os envolvidos no processo educativo

A não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, a psicopedagogia atua no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento de seus obstáculos. O psicopedagogo torna-se responsável por detectar e tratar possíveis empecilhos no processo de aprendizagem em instituições ou clínicas. A psicopedagogia na instituição escolar surgiu:

...como uma necessidade de compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, implícitas nas situações de aprendizagem. (Fagali, 2008, p.9).

Nessa visão psicopedagógica, o aluno é visto de forma global, o seu cognitivo, o motor (movimento, psicomotricidade) e o lado afetivo são trabalhados e analisados. Na instituição escolar, o trabalho psicopedagógico possui duas naturezas: A primeira diz respeito a uma psicopedagogia curativa voltada para grupos de alunos que apresentam dificuldades na escola... O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito as suas necessidades e ritmos. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto de a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes as relações vinculares professor --aluno é redefinir os procedimentos pedagógicos integrando o afetivo e cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento. (Fagali, 2008, p.9-10).

Sabe-se por meio dos estudos de Fernandes (1990) que os desejos tanto do ensinante quanto do aprendente influenciam na aprendizagem, dessa forma poder trabalhar com os alunos e os professores, poder perceber que os laços que os unem ou os afastam, seus métodos, metodologias e o não aprender do aluno e o não conseguir ensinar por parte do professor são objetos de trabalho do psicopedagogo tanto no trabalho curativo como na assessoria. O psicopedagogo intervindo na escola, de acordo com Monereo (2000), pode conseguir com que a escola consiga potencializar ao máximo a capacidade de ensinar dos professores e a de aprender dos alunos, possibilitando que o envolvimento de todos seja favorável para a aprendizagem. De acordo com Fagali, 2008, P. 11 pode-se destacar diferentes formas de intervenção da psicopedagogia:

- releitura e reelaboração no desenvolvimento das programações curriculares, centrando a atenção na articulação dos aspectos afetivos-cognitivos, conforme o desenvolvimento integrado da criança e adolescente;
- a análise mais detalhada dos conceitos, desenvolvendo atividades que ampliem as diferentes formas de trabalhar o conteúdo programático. Nesse processo busca-se uma integração dos interesses, raciocínio e informações de forma, que o aluno atue operativamente nos diferentes níveis de escolaridade. Complementa-se a esta prática, o treinamento e desenvolvimento de projetos junto dos profissionais.
- criações de materiais, textos e livros para o uso do próprio aluno, desenvolvendo o seu raciocínio, construindo o conhecimento, integrando afeto e cognição no diálogo com as informações.

O psicopedagogo também favorece e auxilia aqueles indivíduos que se sentem impedidos para o saber, auxilia indivíduos com transtornos de aprendizagem, reintegra o sujeito da aprendizagem a uma vida escolar e social tranquila, bem como a uma relação mais afetiva consigo e com o outro, leva o indivíduo ao reconhecimento de suas potencialidades; auxilia o indivíduo no reconhecimento dos limites e como interagir diante deles e a (re) significar conceitos que influenciam o indivíduo no movimento do aprender.

Oferecer instrumentos de compreensão da situação de não aprendizagem de cada aluno em particular, levantar dados referentes ao contexto de ensino-aprendizagem da escola, desenvolver ações com toda a comunidade escolar, identificando as principais barreiras à aprendizagem e à busca de como superá-las é função do psicopedagogo.

Logo, a psicopedagogia precisa estar livre de qualquer interferência externa para poder realizar o seu trabalho de forma clara, sem conceitos pré-estabelecidos, poder olhar sem a influência de outros olhares que muitas vezes querem e desejam esconder algo de si mesmo e dos outros procurando muitas vezes se isentar de suas responsabilidades. Weis, 1999, p.27 reforça que:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possíveis aprendizagens.

Dessa forma, fica visível que muitos dos envolvidos no processo educativo preferem muitas vezes ocultar os verdadeiros problemas de aprendizagem que podem ou não estar neles, mas também podem estar nas mais diversas maneiras e formas de ensinar. Portanto, o psicopedagogo institucional atua na instituição escolar juntamente aos aprendentes, os ensinantes e com os demais atores desse processo que é tão complexo para alguns e tão fácil para outros. Mas, que ganha com a atuação do psicopedagogo um forte aliado para melhorar, colaborar, amenizar e proporcionar a solução dos problemas e dificuldades encontradas pelos alunos e tornar de alguma forma a educação significativa e prazerosa para eles também.

O que acontece na sociedade tanto na área econômica, política, social, cultural, tecnológica, ética e moral interfere na educação e conseqüentemente na escola. Sendo que esta precisa considerar todas as práticas e as relações tanto diretas, indiretas e os problemas que delas surgem na comunidade escolar e local em que ela presta serviço e que decorrem dessas interferências.

As escolas existem para agir no mundo, na sociedade e na história, em que o seu papel se torna decisivo na vida das pessoas. A maior parte da nossa vida é passada dentro das escolas, e ela influencia, interfere, interage dentro dessa organização que chamamos de educação. Para muitas pessoas essa convivência escolar é prazerosa, mas para muitos é dolorosa, pois encontram dificuldade para aprender. Às vezes não são compreendidos, são rotulados e deixados para trás no processo da aprendizagem, mas o que muitas vezes eles necessitam é de um olhar diferente, alguém que perceba seus problemas, que deixe de lado os (pré) conceitos e os rótulos que lhes deram no decorrer da sua vida escolar.

Partindo dessa perspectiva de colaboração é que o psicopedagogo institucional atua, com as dificuldades nos níveis de aprender tanto do ensinante como do aprendente. Atuando nas condições de aprendizagem que ocorrem a nível

externo e interno. A escola, tendo como suporte a intervenção psicopedagógica, pode oferecer novos ângulos e abordagens de trabalho, potencializando as capacidades dos alunos, elaborando estratégias de ensino em conjunto aos professores, oferecendo assim uma proposta interdisciplinar.

Logo, o psicopedagogo auxilia na identificação dos problemas no processo de aprender, lidando com as dificuldades de aprendizagem por meio de instrumentos e técnicas específicas, articulando nas várias áreas, buscando suporte para responder os sintomas e as queixas dos alunos e professores. Portanto, o trabalho do psicopedagogo torna-se mais real a possibilidade do acolhimento, da descoberta, das práticas, dos métodos, do entender-se e compreender-se como sujeito que pode e que tem direito de aprender, de adequar-se e ser inserido na escola de forma atuante, participativa em que a sua cidadania é respeitada.

UNIDADE III

TEXTO 1.0 –A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL PARA AS REUNIÕES DE PAIS PROMOVIDAS PELA ESCOLA

I. INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido e, é agora apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos.

Durante o seu desenvolvimento, emergiram algumas questões de estudo que nortearam toda a pesquisa bibliográfica, a saber: em que medida a família, a escola e o psicopedagogo podem contribuir para que os educandos superem suas dificuldades de aprendizagem escolar? Como levar a família a participar da vida escolar do seu filho? Qual a importância do psicopedagogo dentro das instituições de ensino durante a reunião de pais promovida pela escola?

Utilizando-se a perspectiva teórica de diversos autores, tais como Altuhur, Essle e Stoeber (2000), Beauclair (2004), Bollman (2000 -2001), Brasil (1996), Caetano (2002), Jardim (2006), Visca (2002), Winnicott (2005) e Paro (2000), este artigo pretende verificar que a relação entre pais, professores e escola é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, favorecendo o ensino através da superação ou minimização de quaisquer problemas que possam surgir. Neste sentido, as reuniões de pais e professores promovidas pelas instituições de ensino têm grande importância porque além de informar como está o andamento dos estudantes para seus responsáveis permite que seja um momento de interação entre pais e escola permitindo discutir problemas e encontrar soluções.

O Dia Nacional da Família na Escola foi criado em 2001, pelo Ministério da Educação para conscientizar pais, educadores e toda a sociedade sobre a importância da união entre a escola e a família na formação dos alunos. Inúmeros exemplos vivenciados mostram que a escola melhora quando a família está presente. Se a família se interessa pela escola, a criança se interessa mais pelos estudos. E melhora, desta forma, o relacionamento da família com a criança e vice-versa.

A instituição escolar é local de desenvolvimento do saber e não de retaliação do aluno e castração de anseios. Família e escola devem aliar-se no objetivo de formar um aluno capaz e "bem resolvido" afetivamente porque, é justamente neste fator, que estão as disposições em aprender e conhecer mais e mais, construindo e firmando o conhecimento em apoios realmente sólidos.

No contexto da educação, vem sendo discutida com maior ênfase, a necessidade de uma participação efetiva das famílias na instituição escolar. Tal

preocupação pode ser visualizada nas propostas presentes na legislação educacional vigente.

No que se refere à legislação, o artigo 1º da LDB afirma que "a educação é dever da família e do Estado" (BRASIL, 1996). Se a família tem uma maior responsabilidade com a educação, é necessário que as instituições família e escola mantenham uma relação que possibilite a realização de uma educação de qualidade.

II. A NECESSIDADE DE RELAÇÃO AFETIVA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

A Psicopedagogia transformou-se em um campo de amplos conhecimentos, com o objetivo principal de analisar o processo de aprendizagem, sua evolução normal e patológica, bem como as interferências da família, escola e sociedade neste processo. As dificuldades de aprendizagem passaram a ser compreendidas de acordo com a interação de diversos fatores escolares e familiares. Nesse sentido, a Psicopedagogia colabora com a escola, haja vista que é no âmbito desta instituição que a aprendizagem socialmente reconhecida acontece. O psicopedagogo atua no cotidiano pedagógico, mas, agora, já não procura por causas e soluções em si mesma (BOLLMAN et al, 2001).

Desde os primeiros instantes de nascido o homem recebe a influência e a afetividade da atmosfera familiar. Consequentemente, a vida afetiva de uma pessoa tem uma longa trajetória pela educação nos convívios familiar e social. O psicopedagogo como profissional, vai atuar nas questões relacionadas ao ensino e aprendizagem, e para isso necessita compreender a complexa rede de relações que envolvem a formação do sujeito que aprende especialmente sua família, nesse sentido, completa Beauclair (2008 p. 20): olhar do psicopedagogo se constrói na busca permanente da reflexão teórica e através das vivências e pesquisas cotidianas abertas aos novos paradigmas que apontam para a transdisciplinaridade e a complexidade. Sabe-se que a educação não formal constitui-se num dos pilares essenciais na construção do eu. O desenrolar desta implicará num desenvolvimento harmônico ou não do indivíduo.

Percebe-se ser impossível o desenvolvimento do indivíduo isoladamente. A educação do contexto familiar influencia no desenvolvimento da autoconfiança da criança, formando-a e constituindo-a, enquanto ser humano completo. Os anseios, os desejos e as expectativas familiares que envolvem a criança promovem bem-estar e equilíbrio quando dosados e colocados à disposição de maneira correta. As relações entre família e escola são decisivas na determinação do sucesso escolar do aluno, e precisam ser promovidas de forma consciente e planejadas pela escola (BEAUCLAIR, 2008).

A consciência de que a fase decisiva é a que antecede a escola obrigatória tem levado um número crescente de estudiosos a propor que a criança seja atendida mais cedo, com única solução para compensar as desvantagens que atingem as crianças mais pobres, dando-lhes melhores chances de sucesso quando mais tarde entrarem na escola, sempre levando-se em conta a necessidade de

promover a integração da família na escola, como forma de promover ainda mais o desenvolvimento da criança:

Não só os pais contam com a escola, mas esta, igualmente, conta com eles. Por isso, a instituição escolar precisa conversar com eles, dar orientações, promover palestras, saber o que está acontecendo com a criança em casa, como ela está vivendo ou reagindo aos muitos e inevitáveis problemas existentes em qualquer família (doença, separação, mudança, de emprego, modos de organização da casa, problemas financeiros, relacionamento entre o casal, nascimento de outros filhos). (ALTHUOM, ESSLE e STOEBER, 2000. p. 12)

Para a compreensão das possíveis alterações no processo de aprendizagem é necessário considerar-se tanto as condições internas do organismo, quanto as condições externas ao indivíduo. Fatores como linguagem, inteligência, dinâmica familiar, afetividade, motivação e escolaridade devem desenvolver-se de forma integrada para que o processo se efetive.

É comum observar como sujeitos que têm alcançado um mesmo nível intelectual fazem uso semelhante de sua afetividade, por pertencerem a diferentes culturas, meios sociais ou grupos familiares, apresentam tematizações significativamente distintas. Isto deriva simplesmente do fato de que cada contexto oferece diferentes crenças, conhecimentos, atitudes e habilidades. (VISCA, 2002. p. 51)

Sabe-se que as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, geralmente, possuem uma baixa auto-estima em função de seus fracassos e que esses sentimentos podem estar vinculados aos comportamentos de desinteresse por determinadas atividades, tempo de atenção diminuído, falta de concentração e outros.

A alegação da falta de interesse do aluno como justificativa para o mau desempenho escolar precisa ser combatida de forma radical porque ela implica a própria renúncia da escola a uma de suas funções mais essenciais. Os equívocos a esse respeito geralmente advêm da atitude errônea de considerar a "aula" como o produto do trabalho escolar. (PARO, 2000. p. 13)

A família, desconhecendo as necessidades da criança e a maneira apropriada de lidar com esses aspectos, muitas vezes, necessita de orientações que lhe dê suporte e lhe possibilite ajudar seu filho. Fatores como motivação, formas de comunicação, estresses existentes no lar, influenciam o desempenho da criança no processo de aprendizagem, e os psicopedagogos, muitas vezes, sentem-se limitados quanto às orientações a serem dadas pela falta de conhecimento aprofundado sobre os diversos aspectos familiares que podem contribuir para um resultado mais desejável.

A prática profissional social do/a profissional de Psicopedagogia supõe o encontro com diversos momentos de conflito, pois (...) o profissional de psicopedagogia pode romper barreiras dentro de sua práxis de criar possibilidades de encontro, com a sua comunidade, acessando as informações que, na gama ampla da sociedade de conhecimento, podem (e estão) disponíveis. (BEAUCLAIR, 2008. p. 77-78)

Acredita-se que um programa de intervenção familiar seja de fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. O relacionamento familiar, a disponibilidade e interesse dos pais na orientação educacional de seus filhos são aspectos indispensáveis de ajuda à criança.

III. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA REUNIÃO DE PAIS

Através das experiências e relações interpessoais, a família pode promover tanto o desenvolvimento intelectual como emocional e o social da criança. Ela pode criar situações no dia-a-dia que estimularão esses aspectos, desde que esteja desperta para isso.

A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois é dentro dela que se realizam as aprendizagens básicas necessárias para o desenvolvimento na sociedade, como a linguagem, sistema de valores, controle da impulsividade. As características da criança também são determinadas pelos grupos sociais que frequenta e pelas características próprias, como temperamento.

os pais se supõem responsáveis, resulta o sentimento de responsabilidade parental. Aquilo que distingue os pais dos filhos e talvez torne sem sentido o jogo que algumas pessoas gostam de jogar, por meio do qual mãe e pai esperam ser apenas "bons camaradas" de seus filhos. Mas as mães têm de ser capazes, afinal, de começar a permitir que suas crianças conheçam algo dos perigos contra os quais as protegem, e que também saibam que espécie de comportamento afetaria o amor e as preferências maternas. (WINICOTT, 2005. p.45)

As crianças possuem uma tendência natural e instintiva que as direciona ao desenvolvimento de suas potencialidades. Os pais devem ter conhecimento desse processo para que não dificultem ou impeçam o crescimento espontâneo da criança.

Pela falta de compreensão da natureza e necessidades básicas do ser humano, o pai, muitas vezes, prejudica a busca da criança pelo próprio desenvolvimento, pela criança. O modo como os pais lidam com seus filhos pode ajudá-los no desenvolvimento das suas potencialidades e no relacionamento com o mundo, possibilitando-lhes o enriquecimento pessoal através das experiências que o meio lhes proporciona.

O processo educativo (desenvolvimento gradativo da capacidade física, intelectual e moral do ser humano) familiar deve ser adequado para possibilitar à

criança o sucesso na aprendizagem, proporcionando-lhe a motivação, o interesse e a concentração necessária para a apreensão do conhecimento.

O trabalho dos pais integrado à escola torna-se essencial para que ambos falem a mesma linguagem, auxiliando na aprendizagem do educando. É importante que os pais participem constantemente das atividades proporcionadas pela escola, incentivando seus filhos para o mesmo, pois esta união de esforços enriquecerá todo o processo de ensino-aprendizagem (BOLLMAN et al., 2001, p. 65).

Se o psicopedagogo exercer uma atuação de intermediador durante as reuniões escolares, transmitindo o pensamento do sujeito como um todo inserido na família, escola, trabalho, comunidade e sociedade poderá promover a inclusão, equiparação de oportunidades e a transformação de modelos tradicionais de aprendizagem e clássicos de atendimento na área de saúde (JARDIM, 2006). É preciso analisar e atuar com visão crítica e reflexiva sobre as questões culturais, políticas, da formação profissional e pessoal, dos envolvidos com o problema.

A intervenção psicopedagógica veio introduzir uma contribuição mais opulenta no ponto de vista pedagógico. O processo de aprendizagem da criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos etc. Os motivos do processo de aprendizagem, bem como das dificuldades de aprendizagem, deixam de ser localizadas somente no aluno e no professor e passa a ser vista como um processo maior com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor e psicopedagogo (JARDIM, 2006).

A adequação desse processo compreende o atendimento às necessidades da criança quanto à presença dos pais compartilhando suas experiências e sentimentos, orientação firme quanto aos comportamentos adequados, possibilidade de escolhas, certa autonomia nas suas ações, organização da sua rotina, oportunidade constante de aprendizagem e respeito e valorização como pessoa.

Hoje o contraste entre a escola e a família pode não ser muito grande porque a própria escola pública ainda não assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos ou idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares. (PARO 2000. p. 16)

Dificuldades escolares apresentadas pelas crianças, relacionadas à falta de concentração e indisciplina ocorrem e podem ser causadas pela ausência de limites.

A primeira geração educou os filhos de maneira patriarcal, isto é, os filhos eram obrigados a cumprir as determinações que lhes eram impostas pelo pai.

O relacionamento familiar também é fundamental no processo educativo. A criança estará muito mais receptiva às instruções dos pais, se os membros da família se respeitarem entre si, procurando conversar e colaborar um com o outro. É

importante a participação dos pais na vida dos filhos, numa convivência como companheiros, compartilhando emoções, o que contribui muito para a disciplina.

Todos esses aspectos citados e muitos outros são fundamentais para que o desenvolvimento da criança se efetive. Portanto, a família necessita da ajuda dos profissionais da psicopedagogia na aquisição desses conhecimentos básicos e essenciais para que possa cumprir seu papel de facilitadora do processo de aprendizagem de seus filhos, através de comportamentos mais adaptativos.

as crianças em geral aceitam a segurança como um pressuposto básico. Acreditam numa boa assistência materna e paterna desde muito cedo, porque a tiveram. Possuem um sentimento de segurança que é constantemente reforçado por seus testes com os pais e sua família, com os professores na escola, com seus amigos e toda a espécie de pessoas que conhecem. (WINICOTT, 2005. p.106)

A escola também necessita de uma relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem na promoção de expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado (CAETANO, 2002)

Precisa ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

Para Caetano (2002), a educação, enquanto fenômeno universal comporta diversas tensões no interior de e entre seus diferentes âmbitos. Quando enfrentadas de modo produtivo, estas tensões podem fornecer valiosos subsídios para a reflexão e análise do fenômeno educativo. Dois âmbitos educativos tensos, tanto no seu interior quanto na sua relação um com o outro, são a família e a escola.

Enquanto instâncias sócio-educativas formais, a família e a escola foram dois dos principais ambientes de formação ao longo da história, mesmo considerando que outras instâncias sócio-educativas também tiveram um papel muito forte como, por exemplo, o Estado e a Igreja. Nos tempos atuais, porém, família e escola parecem perder o poder e o espaço que tiveram outrora no sentido da formação do indivíduo. Os "porquês" e as consequências deste fato não cabem nos modestos limites desta reflexão, mas devem ser considerados sempre que se pretender analisar mais amplamente as questões que envolvem escola e família.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicopedagogo que atua em âmbito educacional deve ter por objetivo, conduzir professores, diretores e profissionais pedagógicos a repensar o papel da escola frente à prevenção das dificuldades de aprendizagem da criança. No entanto, ressalta-se que mesmo a escola priorizando os problemas de

aprendizagem, esta nunca conseguirá abrangê-los em sua totalidade, pois crianças mais comprometidas necessitam de atendimento psicopedagógico mais especializado em clínicas. Por isso, o psicopedagogo pode atuar de uma forma mais preventiva, objetivando reduzir ou evitar os problemas de aprendizagem em âmbito escolar ou de forma clínica, onde dá atendimento às crianças com maiores comprometimentos, cujas dificuldades não podem ser resolvidas na escola.

A atuação do psicopedagogo não engloba somente seu espaço físico de atuação, mas também sua maneira de pensar a Psicopedagogia e seu conhecimento a respeito da área.

O profissional que atua na prevenção das dificuldades de aprendizagem atua no sentido de fazer com que um número menor de crianças sejam encaminhadas para clínicas, propiciando uma significativa melhoria no rendimento escolar como um todo. O Psicopedagogo que atua em âmbito escolar deve fazer com que a escola acompanhe o desenvolvimento de seus alunos e seja um verdadeiro espaço de construção de conhecimentos, oferecendo suporte para que todos os envolvidos neste processo compreendam a necessidade de se realizar transformações efetivas.

Para que um psicopedagogo consiga ter um bom desempenho, é preciso que ele conquiste seu espaço dentro da escola, o que ainda não é uma tarefa fácil, pois a maior parte das escolas acreditam que o orientador educacional é capaz de solucionar todos os problemas.

Também, o psicopedagogo pode atuar no sentido de avaliar como se dá o relacionamento entre professor e aluno, pois muitas vezes, este relacionamento pode estar acontecendo de forma negativa, pelo fato do professor não conhecer bem o aluno, e, portanto, distanciar-se de suas necessidades. Muitas vezes, também, o professor não consegue identificar a fase de desenvolvimento cognitivo ou afetivo em que encontra-se o aluno, ou desconhece os problemas pelos quais a criança está passando no ambiente familiar.

Por isso, é importante que o psicopedagogo escolar participe de reunião de pais, a fim de que possa esclarecer o que se está acontecendo com a criança na escola, auxiliando os pais na identificação das reais necessidades de seus filhos e ensinando-os a estimular seus filhos em tarefas escolares realizadas em casa. Quando necessário o psicopedagogo encontrar-se separadamente com alguns pais, para melhor orientá-los ou conhecer melhor o ambiente familiar da criança que está apresentando problemas na escola.

Para tanto, é necessário que o psicopedagogo analise a programação da escola a fim de que possa obter subsídios para sua atuação. A administração de uma escola é representada pelo seu organograma, assim, o psicopedagogo pode dar início a seu diagnóstico escolar através da análise do mesmo, estudando as suas relações e estabelecendo conexões com as demais áreas programadas. Analisando-se cada profissional da escola, o psicopedagogo identifica se um determinado profissional está desempenhando sua função de forma adequada e consegue sugerir mudanças.

Face ao exposto, conclui-se que a atuação do psicopedagogo escolar tem início a partir da análise da organização como um todo. É muito importante o trabalho em equipe, junto aos professores, alunos e pessoal administrativo, a fim de que busque-se por melhorias no relacionamento entre si e entre os grupos, visando prioritariamente o aperfeiçoamento das condições de aprendizagem tanto individual, como do grupo.

Logo, o psicopedagogo tem sua importância, que é o de ser um fio condutor e alinhar todas as informações desde a escola até a família e a criança, fazendo com que, o código de comunicação construído e praticado na família seja compatível com o código da escola, estabelecendo assim um relacionamento de parceria e consequentemente contribuindo na formação integral da criança.

UNIDADE IV

TEXTO 1.0 - SICOPEDAGOGIA: ENSINANTES E APRENDENTES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO

I – Introdução

Foi com Alicia Fernández que aprendi o significado das expressões ensinante e aprendente, termos que esta psicopedagoga argentina utiliza para designar uma nova visão da relação entre educadores e educandos, onde os espaços e tempos do aprender estão para além das escolas e são percebidos na complexidade e na totalidade da vida de cada um de nós, sujeitos inseridos na dinâmica relacional do viver e conviver com os outros.

Esta mudança de olhar, sobre as relações existentes nos atos humanos de ensinar e aprender, presentes no processo de aquisição do conhecimento, nos mostra a flexibilidade no exercício de cada um desses papéis visto que nesta dinâmica, em determinados momentos o sujeito é o ensinante e em outros, o aprendente.

No campo da Formação de Profissionais em Psicopedagogia, principalmente na formação inicial, área que tenho atuado como ensinante faz alguns anos, sempre busco mostrar como esta dimensão proposta por Alicia Fernández é significativa e amplia nossos referenciais educativos.

No ato de pesquisar, ler e reler, sempre me proponho a integrar estudos na área psicopedagógica por acreditar que neste campo de ação, atuação e produção teórica temos um caminho excelente e inovador para continuar a percorrer, aceitando o desafio permanente de avançar no campo da formação de psicopedagogos.

A cada nova experiência, com aulas em cursos de Pós-Graduação em Educação e Psicopedagogia, tenho novos e importantes movimentos de autoria de pensamento, vivenciados numa metodologia construída a partir da práxis pedagógica e psicopedagógica de agir e fazer, buscando maior interatividade e fomento ao desenvolver de novos profissionais que abracem a Psicopedagogia como uma efetiva possibilidade profissional e de ressignificação de seus próprios modos de viver a dimensão do aprender em suas vidas.

A busca por uma contínua fundamentação teórica tem me levado a construir diversas possibilidades de interlocução e o contato com diversas áreas relacionadas à aprendizagem que, cada vez mais, estimula meu desejo de organizar idéias e abordagens, com o intuito de compartilhar e contribuir para nosso pensar, nosso agir e nosso fazer em Educação e Psicopedagogia.

Sendo assim, desde meu inicial movimento nas sendas da Psicopedagogia, tenho produzido textos, artigos e ensaios publicados em sites brasileiros e europeus e participado de diversos eventos nacionais e internacionais como conferencista e palestrante, além de ter publicado quatro diferentes livros sobre a temática, com a organização de informações e leituras que se propõem a indicar caminhos de interlocução entre Educação e Psicopedagogia.

É na análise de questões relativas às próprias influências de nossas vivências em processos de ensinagem, seja como ensinantes ou como aprendentes, que se encontra o início para pensarmos na formação em Psicopedagogia, que se apresenta repleta de desafios em nosso tempo presente.

Com cada nova turma onde atuo, apresento inicialmente o campo da Psicopedagogia, para que seja possível desenhar um conhecimento geral, trabalhando principalmente com conceitos que considero principais para, posteriormente, apresentar minha própria proposta de trabalho, que visa fundamentalmente estimular e fomentar o desejo da autoria de pensamento, validando a trajetória de cada aprendente e mostrando principalmente, que competências e habilidades mínimas hoje, são requeridas para a atuação profissional psicopedagógica.

Este artigo, portanto, é um misto entre relato de experiência e busca de aprofundamento teórico, de um fazer que, a cada nova vivência, é manancial imenso de novas idéias e sistematizações.

II - Em busca de fundamentação teórica:

Enquanto campo de conhecimento humano, a Psicopedagogia tem sido influenciada por diversas correntes teóricas e, em seu histórico, sempre esteve voltada para as questões relativas à aprendizagem. Nas décadas de 50 e 60 do século passado, em seu início, a visão predominante era a médica.

Nesta visão, buscava-se focar problemas que ocorriam com os sujeitos em relação à aprendizagem a partir de uma abordagem neuropsicológica, já que a existência de problemas de aprendizagem apresentados por tais sujeitos gerava fracassos no espaço e no tempo da escola e, para que se chegasse a sua solução, deveria investigar qual era a dificuldade, qual era o problema.

Nos anos 60 e 70, a Psicopedagogia interessou-se pelos condicionamentos, saindo da abordagem focada apenas nas possíveis falhas e avaliando os desempenhos dos sujeitos em situação de aprendizagem numa perspectiva behaviorista.

Considerando os porquês das dificuldades e dos problemas de aprendizagem nos sujeitos, os estudos psicopedagógicos da década de oitenta mudam o enfoque e passam a ser consideradas as diferentes influências do meio social e cultural,

abandonando a perspectiva de somente observar como estas dificuldades e problemas se manifestam.

A visão que surge, então, é considerada como sendo uma visão social, levando em conta a relevância das influências do meio sócio-cultural para a aprendizagem. As idéias de Lev S.Vygotsky ganham espaço e fundamentam novas perspectivas para se compreender as dinâmicas presentes nos processos de aprendizagem, construindo um perfil profissional psicopedagógico baseado na interdisciplinaridade como metodologia e proposta de adoção de estratégias de intervenção e pesquisa.

É um momento bastante fecundo, onde novas teorizações e aportes significativos surgem como elementos fomentadores da práxis psicopedagógica que, a partir de então, ganha novas perspectivas de ação e novos espaços para sua inserção. Na década de 90, com os avanços em outros campos do saber humano, principalmente das Neurociências, da Biologia, da Sociologia e da Psicolingüística, entre outras revisões epistemológicas, a Psicopedagogia insere-se, definitivamente, como um a área de atuação e um campo do saber humano interdisciplinar.

Com isso, a Psicopedagogia avançou no sentido de objetivar, cada vez mais, o sujeito na construção de sua autonomia, vinculando o eu cognoscente as suas relações com a aprendizagem. Processos de investigação sobre a construção, integração e expansão deste sujeito aprendente se tornam cada vez mais presentes na pesquisa psicopedagógica e é muito rica a produção que podemos notar neste período.

O processo de aprendizagem passa a ser tema essencial para se compreender a construção do sujeito cognoscente, meta maior a ser alcançada para que ele se torne capaz de ser o próprio responsável pela construção do conhecimento.

III - O ser e o saber na construção do sujeito cognoscente.

Numa perspectiva tradicional, sabemos que a aprendizagem tem sido compreendida como pista de mão única, onde o professor possui a tarefa de repassar o saber para o aluno, percebido como um ser que precisa receber este saber, sem que nenhum outro processo seja válido. Desconsiderando as relações sociais, nesta visão do processo de aprendizagem, somente o professor detém o saber e entre alunos e professores nenhuma outra espécie de vínculo pode haver a não ser esta: o professor sabe e o aluno não sabe, portanto, a tarefa educativa deve ser a de repassar o que o professor sabe para o aluno, que, supostamente, nada sabe e só vai aprender se receber o saber.

Na atualidade, muitos são os movimentos pedagógicos para mudar definitivamente este modo de fazer educação, visto que existem diversos trabalhos e diferentes práticas que propõem mudanças de olhar e percepção sobre a

aprendizagem, redefinindo os agentes de todo o processo e seus respectivos papéis.

Da pista de mão única à de mão dupla: uma boa metáfora para pensarmos sobre o par conceitual ensinantes e aprendentes, em processos de aprendizagens e ensinagens. Em muitos momentos, é preciso criar novos campos semânticos para mudarmos nossas percepções e nossos paradigmas: a construção de novas idéias remete-nos a necessidade de buscarmos novas expressões, para significar novas possibilidades, e como isso, trazer mudanças ao nosso pensar.

No caso específico do par conceitual aqui colocado, o que considero essencial é relacionar aprendentes e ensinantes como caminhantes, numa mesma direção. A poética que tal modificação induz ao nosso pensar é que, aos estarmos juntos nos processos de aprender e ensinar, de lidar com informações, conhecimentos e saberes, é possível elaborarmos em parceria vínculos como passaporte para a aprendizagem, expressão belíssima que tomo emprestado de Dulce Consuelo Soares.

Em "A inteligência aprisionada", Alicia Fernández trabalha esta importante questão, quando elabora idéias para refletirmos sobre uma concepção de processo da aprendizagem onde o aprendente é considerado como um sujeito pensante, portador de sua inteligência e onde ao ensinante, através dos vínculos que conseguem firmar, é portador do conhecimento: nesta relação, aprendentes e ensinantes estabelecem uma relação entre fatores que, quando colocados em jogo, facilitam processos de aprendizagens, com gosto de denominar.

E que fatores são estes? Pelo que aprendi com Alicia é o organismo individual que o aprendente herdou, o seu corpo, construído de modo especular, e a sua inteligência, que é auto-construída nas interações e na arquitetura do desejo, que sempre é o desejo de outro.

Assim, é essencial o vínculo que se estabelece entre ensinantes e aprendentes, para compreendermos o como aprendemos. Sara Paín, referencial também importante para nossos estudos em Psicopedagogia, nos convoca a pensar que a aprendizagem é um importante processo que nos permite vivenciar a transmissão do conhecimento de um outro que sabe, para um aprendente que vai tornar-se sujeito e desenvolver sua subjetividade pelo fato de estar em processo de aprendizagem.

Tal processo, entretanto, só acontece de modo qualitativo quando o ensinante consegue utilizar as instâncias do orgânico, do corpo, do intelecto e do desejo, integrando ao saber de cada aprendente conhecimentos aprendidos e que podem ser utilizados de modo significativo, transformando assim, o ensino em conhecimento.

Aprendentes, como sujeitos da aprendizagem, possuem saberes que os sustentam e tais saberes são frutos de seus próprios movimentos e buscas por novas aprendizagens e novos conhecimentos. É na articulação do organismo, do corpo, do desejo e da inteligência que o aprendente, como sujeito, se constitui. No

movimento que faz ao interagir com a família e a escola, com as instituições, com os outros, enfim, o aprendente constrói a sua modalidade de aprendizagem, de modo constante e permanente.

Assim, o ser e o saber na construção do sujeito cognoscente, do sujeito aprendente, é tema essencial para buscarmos aprofundamentos teóricos e reflexivos, que nos conduzam a pensar nas complexas dinâmicas presentes no ato humano de ensinar e aprender.

IV - As complexas dinâmicas no ato humano de ensinar e aprender: idéias, processos e movimentos para pensar em Aprendizagem.

Diante do que até aqui expus, e com os referenciais admitidos, aprendizagem é processo onde o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo articulam-se em busca de determinado equilíbrio. Entretanto, a estrutura intelectual, de acordo com Jean Piaget precisa de equilíbrio para estruturar o conhecimento do real e, assim, sistematizá-lo por meios dos movimentos de assimilação e acomodação.

Com o estudo deste importante autor, aprendemos que assimilação pode ser compreendida como movimentos dos processos de adaptação, através dos quais os elementos presentes no ambiente são alterados, com o intuito de serem incorporados à estrutura do organismo.

Já por acomodação, conforme aprendemos em Piaget, entendemos como sendo os movimentos que elaboram os processos de adaptação que alteram o organismo, em concordância com as características do objeto com o qual se relaciona.

Assim, o organismo é sustentado e evolui através das relações que consegue estabelecer com o ambiente onde se insere e, deste modo ele se adapta, utilizando-se dos movimentos de assimilação e acomodação.

De acordo com Alicia Fernández, são estes movimentos de adaptação que configuram a arquitetura onde a atribuição simbólica de significações próprias, que o sujeito aprendente faz, em relação aos processos de aprendizagem onde interage. Entretanto, para que todo este processo favoreça adaptações inteligentes, é necessário que os movimentos de acomodação e assimilação estejam em equilíbrio, ou seja, um não pode predominar em excesso sobre o outro. Com os estudos de Sara Paín é possível observar os processos de hipoassimilação /hiperacomodação, e de hipoacomodação/hiperassimilação, que constituem as diferentes modalidades presentes nos processos representativos que afetam a formação deste equilíbrio.

Tais modalidades interferem tanto nas reações e respostas que o organismo produz em sua interação com o meio, quanto nos processos de aprendizagem, que se pressupõe normal quando esta é produzida numa relação onde os movimentos assimilativos e acomodativos apresentem-se em equilíbrio.

São as elaborações objetivantes e subjetivantes que farão com que o sujeito aprendente e desejanste, de fato, aprenda, pois aprender é apropriar-se, e tal apropriação permite que o objeto do conhecimento, da aprendizagem, seja ordenando e classificado. No aspecto subjetivo, tal movimento irá gerar o reconhecimento e a apropriação do objeto, como resultado das vivências e das experiências que o aprendente obteve com sua relação e interação com este objeto. Vale a pena lembrar que todo este processo ocorre na articulação das instâncias do organismo, do corpo, da inteligência e do desejo que constituem o mover-se do sujeito aprendente, além dos vínculos que consegue estabelecer com os outros aprendentes e com os seus ensinantes.

Todas estas idéias favorecem o nosso pensar, agir e refletir para as questões relativas à aprendizagem em nosso tempo. Se o aprendente se faz sujeito desejanste de modo gradativo, a construção do seu saber deve ser investigada e analisada. Cabe a todo ensinante ser ponto de referência, suporte colaborativo e atencioso, observando expectativas e necessidades e valorizando, cada vez mais, as construções e descobertas de seus aprendentes.

V – Considerações em aberto: aquisição do conhecimento, vivências e compartilhamentos.

Nos espaços e tempos educacionais, devemos buscar de modo permanente o aprender e o ensinar com prazer, proporcionando que esta palavra/sensação prazer esteja presente nas ações e estratégias de aprendizagem. A aprendizagem afeta a dinâmica individual de cada aprendente e tem forte interferência no articular das instâncias do organismo, do corpo, do desejo e da inteligência. Nossas ações como ensinantes devem considerar tais interferências, centrando-se na busca pelas transformações. A aprendizagem é possibilidade, mas sem o desejo não se transforma em oportunidade. São requeridas pela nossa contemporaneidade novas posturas e iniciativas, compreendendo o espaço e o tempo da escola como estímulos à construções de teias de significações, onde o aprendente possa transformar-se e libertar suas potencialidades, vivenciando ricas experiências com os objetos que interage. Cada ensinante pode construir em suas ações de ensinagem espaços de confiança, credibilidade e amorosidade, onde seja possível a alegria da autoria, a alegria do aprender e do ensinar, a alegria de viver enfim.

Nas experiências que tenho vivido, como mediador em cursos de pós-graduação em Educação e Psicopedagogia, a busca permanente tem sido esta: ao estarmos em grupo, almejarmos sentidos criativos e lúdicos ao nosso mover-se no mundo da construção do conhecimento e do compartilhamento solidário de experiências.

Proponho aqui um momento de reflexão, com o auxílio de um belo texto de Madalena Freire .

EU NÃO SOU VOCÊ VOCÊ NÃO É EU

“Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito de mim
Vivendo com você
E você, sabe muito de você vivendo comigo?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas encontrei comigo e me vi
enquanto olhava você
Na sua, minha, insegurança
Na sua, minha, desconfiança,
Na sua, minha, competição,
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, mudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu, enquanto
olhava para mim?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas foi vivendo minha solidão
que conversei com você
E você conversou comigo na sua solidão ou fugiu dela, de mim, de você?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas sou mais eu, quando consigo
lhe ver, porque você me reflete
No que eu ainda sou
No que já sou e
No quero vir a ser...
Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
somos capazes de, diferencialmente,
eu ser eu, vivendo com você e
Você ser você, vivendo comigo.”

A IM UNIDADE V

TEXTO 1.0 – IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

1. Introdução

A Psicopedagogia constitui-se em uma justaposição de dois saberes - psicologia e pedagogia - que vai muito além da simples junção dessas duas palavras. Isto significa que é muito mais complexa do que a simples aglomeração de duas palavras, visto que visa a identificar a complexidade inerente ao que produz o saber e o não saber. É uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo o ser em processo de construção do conhecimento.

Surgiu no Brasil devido ao grande número de crianças com fracasso escolar e de a psicologia e a pedagogia, isoladamente, não darem conta de resolver tais fracassos. O Psicopedagogo, por sua vez, tem a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola e atender aos seus anseios, bem como verificar, junto ao Projeto Político-Pedagógico, como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem, como garante o sucesso de seus alunos e como a família exerce o seu papel de parceira nesse processo.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do Psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas. Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino.

O presente artigo, que surgiu da preocupação existente com nossa prática como educadora e de nossa crença de que cada um constrói seus próprios conhecimentos por meio de estímulos, tem justamente o objetivo de fazer uma abordagem sobre a atuação e a importância do Psicopedagogo dentro da instituição escolar.

2. A Formação do Psicopedagogo e a Regulamentação da Profissão

No Brasil, a formação do psicopedagogo vem ocorrendo em caráter regular e oficial desde a década de 1970 em instituições universitárias de renome. Esta formação foi regulamentada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em cursos de pós-graduação e especialização, com carga horária mínima de 360h. O curso deve atender às exigências mínimas do Conselho Federal de Educação quanto à

carga horária, critérios de avaliação, corpo docente e outras. Não há normas e critérios para a estrutura curricular, o que leva a uma grande diversificação na formação.

Os cursos de psicopedagogia formam profissionais aptos a trabalhar na área clínica e institucional, que pode ser a escolar, a hospitalar e a empresarial. No Brasil, só poderão exercer a profissão de psicopedagogo os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da lei vigente - Resolução 12/83, de 06/10/83 - que forma os especialistas, no caso, os então chamados "especialistas em psicopedagogia" ou psicopedagogos.

A lei que trata do reconhecimento da profissão de psicopedagogo está na câmara dos deputados federais. Psicopedagogos elaboraram vários documentos nos anos de 1995 e 1996, explicitando suas atribuições, seu campo de atuação, sua área científica e seus critérios de formação acadêmica, um trabalho que contou com a colaboração de muitos.

O psicopedagogo possui a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) como elo de interlocução. A ABPp iniciou com um grupo de estudos formado por profissionais preocupados com os problemas de aprendizagem, sendo que, atualmente, também busca o reconhecimento da profissão.

É do Deputado Federal Barbosa Neto o projeto de reconhecimento desse profissional (Projeto de Lei 3124/97). De início, o deputado propôs uma sondagem entre os políticos da época (1996) sobre a aceitação ou não do futuro projeto. Nesse período, o MEC organizava a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em dezembro do mesmo ano.

A data que formalizou a entrada do Projeto de Lei é 14 de maio de 1997. Em 24 de junho desse mesmo ano, a ABPp assumiu, em visita à câmara, o reter do projeto junto às lideranças políticas do país, do que resultou a sua aprovação no dia 03 de setembro de 1997 pela Comissão de Trabalho de Administração e Serviço Público.

Após esta aprovação, o projeto foi encaminhado à 2ª Comissão, que é a de Educação, Cultura e Desporto, acontecendo, então, em 18 de junho de 1998 e 06 de junho de 2000, audiências para aprofundamento do tema. A aprovação nessa comissão ocorreu em 12 de setembro de 2001, após um trabalho exaustivo da relatora Marisa Serrano, do Deputado Federal Barbosa Neto e dos psicopedagogos que articularam tal discussão no Brasil.

Em 20 de setembro de 2001, houve mais um avanço político com a aprovação do Projeto de Lei 10891, da autoria do Deputado Estadual (SP) Cláury Alves da Silva. O Projeto de Lei 10891 "autoriza o poder Executivo a implantar assistência psicológica e psicopedagógica em todos os estabelecimentos de ensino básico público, com o objetivo de diagnosticar e prevenir problemas de aprendizagem".

Atualmente, o Projeto de Lei que regulamenta a profissão do Psicopedagogo está na Comissão de Constituição, Justiça e Redação para ser aprovado. Quando aprovado, irá para o Senado onde terá que passar por três comissões: Trabalho, Educação e Constituição, Justiça e Redação para, finalmente, ser sancionado pelo Presidente da República.

No momento, a profissão de Psicopedagogo, tendo em vista o trabalho de outras gestões da ABPp (Associação Brasileira de Psicopedagogia) e dessa última, tem amparo legal no Código Brasileiro de Ocupação. Isto quer dizer que já existe a ocupação de Psicopedagogo, porém, isso não é suficiente. Faz-se necessário que esta profissão seja regulamentada.

3. Áreas de Atuação do Psicopedagogo

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir.

Numa linha preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola. Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca; promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos; realizar processo de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo.

Numa linha terapêutica, o psicopedagogo trata das dificuldades de aprendizagem, diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, estabelecendo contato com outros profissionais das áreas psicológica, psicomotora, fonoaudiológica e educacional, pois tais dificuldades são multifatoriais em sua origem e, muitas vezes, no seu tratamento. Esse profissional deve ser um mediador em todo esse processo, indo além da simples junção dos conhecimentos da psicologia e da pedagogia.

O psicopedagogo pode atuar tanto na Saúde como na Educação, já que o seu saber visa compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana. Da mesma forma, pode trabalhar com crianças hospitalizadas e seu processo de aprendizagem em parceria com a equipe multidisciplinar da instituição hospitalar, tais como psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos.

No campo empresarial, o psicopedagogo pode contribuir com as relações, ou seja, com a melhoria da qualidade das relações inter e intrapessoais dos indivíduos que trabalham na empresa.

4. O Psicopedagogo na Instituição Escolar

Diante do baixo desempenho acadêmico, as escolas estão cada vez mais preocupadas com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem, não sabem mais o que fazer com as crianças que não aprendem de acordo com o processo considerado normal e não possuem uma política de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem.

Neste contexto, o psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área da educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem.

Por meio de técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo possibilita uma intervenção psicopedagógica visando à solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais. Juntamente com toda a equipe escolar, está mobilizado na construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar comprometimentos. Elege a metodologia e/ou a forma de intervenção com o objetivo de facilitar e/ou desobstruir tal processo.

Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relacionam-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implicam a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

A psicopedagogia é uma área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Acreditamos que, se existissem nas escolas psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, o número de crianças com problemas seria bem menor.

Ao psicopedagogo cabe avaliar o aluno e identificar os problemas de aprendizagem, buscando conhecê-lo em seus potenciais construtivos e em suas dificuldades, encaminhando-o, por meio de um relatório, quando necessário, para outros profissionais - psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, etc. que realizam diagnóstico especializado e exames complementares com o intuito de favorecer o desenvolvimento da potencialização humana no processo de aquisição do saber.

Segundo Dembo (apud FERMINO et al, 1994, p.57), "Evidências sugerem que um grande número de alunos possui características que requerem atenção educacional diferenciada". Neste sentido, um trabalho psicopedagógico pode contribuir muito, auxiliando educadores a aprofundarem seus conhecimentos sobre as teorias do ensino-aprendizagem e as recentes contribuições de diversas áreas do conhecimento, redefinindo-as e sintetizando-as numa ação educativa. Esse trabalho permite que o educador se olhe como aprendente e como ensinante.

Além do já mencionado, o psicopedagogo está preparado para auxiliar os educadores realizando atendimentos pedagógicos individualizados, contribuindo

para a compreensão de problemas na sala de aula, permitindo ao professor ver alternativas de ação e ver como as demais técnicas podem intervir, bem como participando do diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem e do atendimento a um pequeno grupo de alunos.

Para o psicopedagogo, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas nas suas disciplinas. Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva. Também o é a sua participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos filhos; em conselhos de classe, avaliando o processo metodológico; na escola como um todo, acompanhando a relação professor e aluno, aluno e aluno, aluno que vem de outra escola, sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio.

Segundo Bossa (1994, p.23),

... cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem.

O estudo psicopedagógico atinge seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Para isso, deve analisar o Projeto Político-Pedagógico, sobretudo quais as suas propostas de ensino e o que é valorizado como aprendizagem. Desta forma, o fazer psicopedagógico se transforma podendo se tornar uma ferramenta poderosa no auxílio de aprendizagem.

5. A Intervenção do Psicopedagogo Junto à Família

O conhecimento e o aprendido não são adquiridos somente na escola, mas também são construídos pela criança em contato com o social, dentro da família e no mundo que a cerca. A família é o primeiro vínculo da criança e é responsável por grande parte da sua educação e da sua aprendizagem.

É por meio dessa aprendizagem que a criança é inserida no mundo cultural, simbólico e começa a construir seus conhecimentos, seus saberes. Contudo, na realidade, o que temos observado é que as famílias estão perdidas, não estão sabendo lidar com situações novas: pais trabalhando fora o dia inteiro, pais desempregados, brigas, drogas, pais analfabetos, pais separados e mães solteiras.

Essas famílias acabam transferindo suas responsabilidades para a escola, sendo que, em decorrência disso, presenciamos gerações cada vez mais dependentes e a escola tendo que desviar de suas funções para suprir essas necessidades.

A escola, como observa Sarramona (apud IGEA, 2005, p 19), veio ocupar uma das funções clássicas da família que é a socialização: A escola se converteu na principal instituição socializadora, no único lugar em que os meninos e as meninas têm a possibilidade de interagir com iguais e onde se devem submeter continuamente a uma norma de convivência coletiva

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, por exemplo, de uma entrevista e de uma anamnese com essa família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social.

O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

Vale lembrar o que diz Bossa (1994, p.74) sobre o diagnóstico:

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia, segundo vimos afirmando, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito.

Na maioria das vezes, quando o fracasso escolar não está associado às desordens neurológicas, o ambiente familiar tem grande participação nesse fracasso. Boa parte dos problemas encontrados são lentidão de raciocínio, falta de atenção e desinteresse. Esses aspectos precisam ser trabalhados para se obter melhor rendimento intelectual. Lembramos que a escola e o meio social também têm a sua responsabilidade no que se refere ao fracasso escolar.

A família desempenha um papel decisivo na condução e evolução do problema acima mencionado, pois, muitas vezes, não quer enxergar essa criança com dificuldades, essa criança que, muitas vezes, está pedindo socorro, pedindo um abraço um carinho, um beijo e que não produz na escola para chamar a atenção para o seu pedido, a sua carência. Esse vínculo afetivo é primordial para o bom desenvolvimento da criança.

Concordamos com Souza (1995, p.58) quando diz que

... fatores da vida psíquica da criança podem atrapalhar o bom desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que atitudes parentais influenciam sobremaneira a relação da criança com o conhecimento.

Sabemos que uma criança só aprende se ela tem o desejo de aprender. E para isso é importante que os pais contribuam para que ela tenha esse desejo.

Existe um desejo por parte da família quando a criança é colocada na escola, pois da criança é cobrado que seja bem-sucedida. Porém, quando esse desejo não se realiza como esperado, surgem a frustração e a raiva que acabam colocando a criança num plano de menos valia, surgindo, daí, as dificuldades na aprendizagem.

Para Boszormeny (apud Polity, 2000),

uma criança pode desistir da escola porque aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Isso se produz, em resposta à depressão da mãe e da falta de disponibilidade emocional do pai que, de maneira inconsciente, ratifica a necessidade que tem a esposa, que seu filho a cuide.

A intervenção psicopedagógica também se propõe a incluir os pais no processo, por intermédio de reuniões, possibilitando o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores. Assegurada uma maior compreensão, os pais ocupam um novo espaço no contexto do trabalho, abandonando o papel de meros espectadores, assumindo a posição de parceiros, participando e opinando.

6. Considerações Finais

A profissão do psicopedagogo não está regulamentada, mas se encontra na Comissão de Constituição, Justiça e Redação, na Câmara dos Deputados Federais, para ser aprovada. Enquanto isso, a formação do psicopedagogo vem ocorrendo em caráter regular e oficial em cursos de pós-graduação oferecidos por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas.

A psicopedagogia surgiu da necessidade de melhor compreensão do processo de aprendizagem, comprometido com a transformação da realidade escolar, na medida em que possibilita, mediante dinâmicas em sala de aula, contemplar a interdisciplinaridade, juntamente com outros profissionais da escola.

O psicopedagogo estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo. Procura envolver a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção do conhecimento, ajudando o aluno a superar os obstáculos que se interpõem ao pleno domínio das ferramentas necessárias à leitura do mundo.

A aprendizagem humana é determinada pela interação entre o indivíduo e o meio, da qual participam os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Dentro dos aspectos biológicos, a criança apresenta uma série de características que lhe permitem, ou não, o desenvolvimento de conhecimentos. As características psicológicas são conseqüentes da história individual, de interações com o ambiente e com a família, o que influenciará as experiências futuras, como, por exemplo, o conceito de si próprio, insegurança, interações sociais, etc.

Nesse contexto, é pertinente concluir que:

- É fundamental que a criança seja estimulada em sua criatividade e que seja respondida às suas curiosidades por meio de descobertas concretas, desenvolvendo a sua auto-estima, criando em si uma maior segurança, confiança, tão necessária à vida adulta;
- É preciso que os pais se impliquem nos processos educativos dos filhos no sentido de motivá-los afetivamente ao aprendizado. O aprendizado formal ou a educação escolar, para ser bem-sucedida não depende apenas de uma boa escola ou de bons programas, mas, principalmente, de como a criança é tratada em casa e dos estímulos que recebe para aprender;
- É preciso entender que o aprender é um processo contínuo e não cessa quando a criança está em casa.

As mudanças políticas, sociais e culturais são referenciais para compreender o que acontece nas escolas e no sistema educacional. O psicopedagogo deve saber interpretar e estar inteirado com essas mudanças para poder agir e colaborar, preocupando-se com que as experiências de aprendizagem sejam prazerosas para a criança e, sobretudo, que promovam o desenvolvimento.

Portando, a psicopedagogia, pode fazer um trabalho entre os muitos profissionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vivem, de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. Assim, o psicopedagogo não só contribuirá com o desenvolvimento da criança, como também contribuirá com a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da maioria da humanidade.